

E, no caso concreto do Brasil, o predomínio indiscriminado dos interesses das empresas transnacionais, na ordenação das atividades econômicas, conduzirá a tensões inter-regionais em nível explosivo, a rivalidades corporativas, a bolsões de miséria. Em suma, à inviabilização do país como projeto nacional.

Daí a sua angústia em saber "se temos um futuro como nação que conta na construção do devir humano. Ou se prevalecerão as forças que se empenham em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação" (página 35).

Fazendo frente à lógica perversa das forças dominantes, Celso Furtado coloca como imperativo a articulação de uma estratégia de resistência que, no Brasil, iria da ativação do po-

tencial produtivo interno e da integração dos mercados regionais à formação de uma vontade política coletiva e transformadora.

Resta saber: quais serão os agentes efetivos deste processo de resgate nacional? Até onde pode-se pensar num projeto de desenvolvimento autônomo, nesta quadra do século, que leve em consideração as efetivas necessidades das maiorias e que, mesmo não estando simplesmente sob a égide das forças de mercado, subordina-se à lógica do capital?

Passageiro da Utopia, Quixote, lúcido (como ele mesmo se vê), Celso Furtado não responde a estas questões, mas alerta que "como a História ainda não terminou, ninguém pode estar seguro de quem será o último a rir ou a chorar" (página 9). □

THE GOOD SOLDIER: A TALE OF PASSION

FORD MADOX FORD
Londres, Penguin Books, 1946.

■ Por **Roberto Venosa**, Engenheiro, Mestre em Administração Pública pela Universidade de Pittsburgh, Doutor em Sociologia pela EHESS, Paris, Professor Titular do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV e Professor Visitante da University of St. Andrews, Escócia.

Cambridge reinicia seu ano letivo. Lembra um pouco algumas cenas do filme "A Sociedade dos Poetas Mortos". Pais orgulhosos carregam os apetrechos de seus filhos para os diversos *colleges*. É muito bonito poder ver e sentir a dose de emoção que cada novo aluno traz junto com sua bagagem. Enquanto me dirigia para a Faculdade de Ciências Sociais e Políticas, observando este lufalufa, reparei que dois carros estacionados em frente ao Clare College tinham chapas de diferentes países. Um era francês e o outro era inglês. No francês havia um adesivo escrito em francês que dizia o seguinte: *Se você bater no meu carro eu amasso a sua cara!* No carro inglês estava escrito no pára-choque: *Nós provavelmente nos encontraremos por acidente.*

É exatamente esta pretensa descontração do inglês que Ford derruba, página após página. O estilo de Ford tem um quê de preguiçoso e bastante lento, porém corta como bisturi. Seria muito querer compará-lo a um Proust. Certamente não o é. Mas, através da lentidão com

que conta a saga de Edward Ashburnham, vamos penetrando a alma britânica. O que mais impressiona é a lucidez de Ford. Neste ponto, chega muito próximo do proustiano mergulho na alma humana. Ao longo da narrativa, o autor mostra que a saída está aí; mesmo assim, as personagens optam pelo convencional. Sob este aspecto, lembra um pouco Foster, principalmente o Foster de *A room with a view* pessimamente traduzido como: *Uma janela para o amor*. Ford não é o que de mais recente se publicou no Reino Unido porém, para se entender organizações brasileiras, pode-se dispensar a leitura de um Machado de Assis?

Em alguns cursos que conduzi na EAESP/FGV introduzi a leitura de romances. Existe melhor aula de sucessão em pequenas empresas que *Os Buddenbrook* de Thomas Mann? *O Mundo se despedaça* do nigeriano Chinua Achebe não pode ser lido como um dos melhores ensaios sobre processo de modernização? E o olhar antropológico de Yvonne Maggie em *Guerra de Orixá* não é uma exce-

lente metáfora da luta pelo poder nas organizações? *The Good Soldier* é uma maravilhosa análise da solidão nas classes altas. Lido em inglês, requer um bom domínio da língua. Ford não faz concessões. Mas, ainda que se tenha que ler com o dicionário do lado, é uma aula magna sobre o comportamento humano. Imperdível para um bom administrador que queira compreender o profundamente humano.

Ford é um pescador de almas. Como termina Ford: "Foi uma história muito interessante: poderia ter sido ainda mais interessante se eles tivessem cavado seus olhos com facas pontiagudas; mas eles eram 'such a good people'". Ford pode não ter produzido uma obra proustiana, mas certamente o leitor que se delicia com a leitura de Machado, lerá com prazer *The Good Soldier*. Afinal, gerir organizações não nos obriga a entender as razões humanas? □

TRABALHO & SOCIEDADE: PROBLEMAS ESTRUTURAIS E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO DA "SOCIEDADE DO TRABALHO"

CLAUS OFFE

Traduzido por **Gustavo Bayer E. Margrit Martincic**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991, 180 páginas, vol. 2 (Biblioteca Tempo Universitário nº 89, Série Estudos Alemães).

■ Por **Tarcila Luzia da Silva**, Doutoranda em Administração pela EAESP/FGV e Professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

■ Por **José Carlos Barbieri**, Professor do Departamento de Administração de Produção e Operações Industriais da EAESP/FGV e Professor na Área de Administração e Economia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/CCHS).

Desde a década de 40 está presente nas Ciências Sociais a hipótese de que a partir de um certo grau de industrialização, a tendência de desenvolvimento da "Sociedade industrial" se alteraria no sentido de expansão do setor "terciário". Os indicadores usados para verificar e confirmar essa hipótese são, principalmente, o peso do setor de serviços no produto interno e a participação da força de trabalho do setor de serviços na população economicamente ativa. São exemplos: os trabalhos de Clark (1940), Stigler (1956) e Fuchs (1968), que contribuíram de modo significativo para o reconhecimento da importância do setor de serviços nas sociedades modernas. Para esse último autor a economia norte-americana havia se transformado na primeira economia de serviços do mundo, ou seja, havia passado de uma economia industrial para uma outra onde a maioria de sua população economicamente ativa encontrava-se empregada nas atividades de serviços. Trabalhos como esses contribuíram para formar

uma corrente de pensamento que entende ser o setor de serviços o setor determinante do dinamismo da economia como um todo, substituindo o papel que desempenhara o setor industrial.

Essa tendência gerou, principalmente entre cientistas sociais norte-americanos, interpretações genéricas e abrangentes cunhando conceitos como: "sociedade administrada", "sociedade pós-industrial", ou ainda "sociedade dos serviços pessoais".

Claus Offe elaborou esse trabalho a partir da observação do uso genérico desses conceitos, verificando a necessidade de se questionar essa conceituação que parte de definições enumerativas para chegar a "não conceitos" do que seja serviços, ou seja, serviço definido como resíduo.

Na primeira parte do livro *Crescimento e Racionalização do Setor de Serviços*, Offe dedica-se a analisar o comportamento desse setor através de uma classificação desconhecida na ampla literatura sobre o tema e, partindo dessa